ANNO DE 1831. SABBADO 29 DE JANEIRO. NUMERO 23.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

Subscreve-se mensalmente a 640 reis pagos adiantados, na Typografia Fidedigna, na loja de Livreiro de Manoel Marques Vianna, Rua da Penha a ilharga do Livramento D. 13, e em casa do Editor, rua Direita, n 167; em cujos lugares tambem se receberão correspondencias, e anuncios: estes inserem-se gratis, sendo de assignantes, vindo assignados, e com o lugar da morada, e seraõ publicados no dia immediato ao da entrega, sendo esta feita até o meio dia e vindo rezumidos.

PERNAMBUCO; NA TYPOGRAFIA FIDEDIGNA, RUA DAS FLORES, N. 18. 1831.

ARTIGOS D'OFFICIO.

COonstando-me, que pela altura da Villa, de Goianna onde sobre a vella huma Embarcação Estrangeira, fazendo deligencias por dezembarcar alguma mercadoria, que por ventura traga a seu Bordo; e convindo, que, quanto antes, se deem todas as providencias para acautelar o contrabando: Ordeno ao Sr. Pedro da Cunha, Commandante do Brigue-Barca. Nove de Agosto que, levantando immediatamente o ferro, se faça de vella, e vá demandar aquelle lugar, tomando na Intendencia da Marinha algum Pratico, que o dirija com segurança pela Costa, no caso de não estar sufficientemente versado em tal navegação. E encontrando a referida Embarcação, a registrará, examinando, se com effeito descarregou, ou pertende descarregar para a terra, algum genero de mercadoria; o que verificando-se, a fará conduzir a este Porto, officiando as Auctoridades do Lugar, onde as mercadorias forem desembarcadas, para as apprehenderem e darem de tudo conta a este Coverno. — Palacio do Governo de Pernambuco 25 de Janeiro de 1831 — Pinheiro.

EM additamento á Portaria, que hoje lhe dirigi, para faser-se de Vella, e ir demandar a Barra de Goiana, cumpre-me declarar-lhe, que, por Officio do Juiz de Paz daquelle Lugar, agora recebido, sou informado de que a Embarcação he huma Escuna Francesa com 9 pessoas de Equipagem, 3 passageiros Hespanhoes, e 188 Escravos, o que tudo fica aprehendido pelo dito Juiz de Paz, devendo por tanto V. S. dirigir-se direitamente ao Porto de goianna, com as cautellas, que lhe recommendei sobre a Costa, e conduzir a este porto todos os objectos apprehendidos, recebendo do Juiz de Paz o competente Termo de apprehensão — Deos Guarde a V. S. Palacio do Governo de Pernambuco 25 de Janeiro de 1831 — Joaquim Joze Pinheiro de Vasconcellos — Sr. Pedro da Cunha, Commandante do Brigue Barca Nove de Agosto.

ILlm., e Exm. Sr. — Participo a V. Ex., que nesta Barra de Goiana no dia Sexta feira 21 do corrente entrou huma Escuna Francesa, vinda de Calabar com escravatura, tendo de equipagem 9, 3 passageiros Hespanhoes, e 188 escravos novos. E como axei ser de meo dever fazer aprehenção, tanto na dita Escuna, como no mais pertencente a mesma, o fiz hoje de manhaã, esperando pela decisão de V. Ex., para que dê o quanto antes as providencias necessarias sobre tal objecto. Ficando V. Ex. certo, que o Capitão da dita Escuna Francesa partio para Pernambuco, por Goiana, onde julgo se achar, e que aqui se tem feito algumas dispezas, que he necessario corresponder-se. Deos Guarde a V. Ex. muitos annos Barra de Goiane 24 de Janeiro de 1831. — Illm., e Exm. Sr. Joaquim Jose Pinheiro de Vasconcellos Presidente da Provincia de Pernambuco — Joze Lucio Texeira Cavalcanti Juiz de Paz da Taquara.

ANtes de receber o seu Officio de 24 do corrente, ja tinha ordenado ao Commandante do Brigue Barca 9 de Agosto o que consta da Portaria, que lhe dirijo por Copia, mas como estou inteirado da apprehenção, que V. S. affirma ter feito na Escuna, e seos pertences; Cumpre-me declarar-lhe, que a deve fazer seguir para o Porto desta Cidade, logo que ahi chegue aquelle Brigue, que a conduzirá com os Escravos, e todos os seos pertences, depois de tirar hum Summario de Testemunhas muito circunstanciado sobre o motivo, que teve a Escuna para entrar nesse Porto, as diligencias, que fez o Capitão para dezembarcar os escravos, vende-los, ou entrega-los á alguem; se cada uma dessas couzas se chegou a verificar, ou se limitou somente á meras tentativas; e se a Embarcação hia directamente para ahi, ou se foi por arribada, por lhe faltar agoa, mantimento, ou qualquer cousa necessaria para continuar a navegar. Igualmente deverá remetter-me todos os papeis e documentos, que existirem a bordo da dita Embarcação, pa-

ra aqui serem examinados; finalmente participar-me-á todos os esclarecimentos, que poder obter sobre este negocio. E quanto ás dispesas, que tiver feito, e houver de fazer, as apresentará com a necessaria legalidade, para ser pago por quem compettir. Deos Guarde a V. S. Palacio do Governo de Pernambuco 25 de Janeiro de 1831 — Joaquim Joze Pinheiro de Vasconcellos — Sr. Juiz de Paz da Taquara, Jose Lucio Texeira Cavalcanti.

— Hontem (27) pelas oito horas da noite em uma das ruas do bairro da Boa-Vista foi assassinado um homem por dous á cavallo. Contão por tantos modos os motivos deste assassinio, que não podemos affirmar quaes fossem na realidade; mas fosse qual fosse o certo é que o homem foi esfaqueado em uma rua publica pelas 8 horas de uma noite, que *se podia chamar pleno dia*, e o que succedeu? o pobre homem ficou morto, e os matadores forão-se em procura, sem duvida, do ponto de reunião dos nossos Republicanos assassinos, que tem concluido um plano geral de matarem todos os amigos de S. M., como *sabia e profundamente* descobriu o Cruzeiro. Desgraçados porem de nós, que temos authoridades, que dezejando fazer desaparecer do numero dos viventes a maioria de uma Nacão pelo assassinio de um homem, e de cujo assassinio essa maioria não tem a menor culpa, a menor parte, são capazes de ver tranquillas, e pacientes milhares de assassinios, quando estes não forem perpetrados contra columnas. E não podemos dizer com alguma segurança, que certas authoridades estão aqui constituidas, pagas com o nosso dinheiro, para segurança da columna, e dos columnas, e para flagelarem, ou deixarem flagelar à todos quantos não somos inimigos da Patria, traidores, e servis? Os assassinos, e ladrões transitão livremente por estas ruas, se algum particular os persegue, elles vão achar soccorro e protecção naquelles, que elles devião temer, é-lhes outorgada, é-lhes decretada a faculdade de matar e roubar a todos os Liberaes; mas se elles ultrapassão os limites da concessão, são os Liberaes accusados do que os anti-Liberaes fiserão, decretarão, ou concederão. Morreu o pobre homem, que cuidava na sua vida, e que a estimava, tanto, como o Sr. Dezembargador Gustavo a sua; se era cazado, chore a desamparada viuva, chorem os filhos; e nada esperem desses, que lhe devem compaixão, soccorro, e protecção: tinha o homem algum cargo? Era Presidente, Ouvidor, Capitão-Mor, Intendente Geral da Policia, ou couza que o valha? *Era um pobre diabo, quem se importa com isso*: esta a linguagem desses hipocritas sanhudos. Conhecemos, que o assassinio committido contra uma authoridade é mais digno de attenção; porem nada vale o de qualquer Cidadão, o de qualquer vivente racional? O nosso Codigo penal manda, que morra o que cometteu assassinio premeditado com taes e taes circunstancias; porem manda matar por differente modo os que assassinarem authoridades? Não; porque o assassinio é sempre máo. Alem de que, se nós não temos segurança, se somos invadidos em nossas casas, etc. etc. podemos queixar-nos dos particulares, que nenhuma ingerencia tem no governo do Estado, ou deste, que não vela, que não cumpre o seu dever? Arrastem-se, ja que tanto lhe custa a andar; arrastem-se ao seu dever essas authoridades, cumprão a sua obrigação ate por bem seu, não deixem passar entre si os assassinos, não mandem gritar sem proposito no seu Periodico contra quem não tem, nem pode ter culpa dos seus desgostos, e lembrem-se um dia, que os seus corpos são tão brandos, tão frageis, tão mortaes, como os nossos: deffendão-nos dos malfeitores, e estes as respeitarão. Compaixão ao menos á todos os que gemem e padecem pelos desgovernos dó nosso Governo.

FRANÇA.

CORRESPONDENCIA PARTICULAR.

Havre 10 *de Desembro de* 1830.

FALLA-se em guerra da França com as potencias do Norte, mas estes boatos só tem por fundamento as levas, e movimentos de trópas entre essas Nações. Nossa attitude é ameaçadôra, posto que estejamos na deffensiva; mas no cazo de ataque levaremos aos povos, que fizerem marchar contra nós, a liberdade que tantas vezes lhes há sido prometida: o combate não será duvidozo.

A pezar de nosso exercito só constar de 500 mil homens, é tão grande o entuziasmo, que com facilidade pode em trez mezes ser elevado a 1:500:000 homens decididos a fazer respeitar sua patria.

Nossa guarda Nacional que se compõe de 3:639;714 homens (dós quaes 1:309;730 pedem para marchar ás fronteiras) manobra tãobem, e tem tanta firmeza como a antiga guarda de Napoleão.

A guarda Nacional de Paris que conta pouco mais ou menos 200 mil homens rivaliza em firmeza, disciplina, maneio das armas, e manobra com a melhor tropa de linha. Em todas as cidades acontece o mesmo.

Em fim os dias 27, 28, e 29 de Julho criárão em França mais de 3 milhões de bons soldados. Que potencia ouzará atacar-nos! Todos os Francezes tem um só modo de ver: A *Charta*, *a Liberdade*, *ou a morte.*

Parte do Discurso de M. Laffite, Ministro da Fazenda, que diz respeito aos boatos de guerra.

TEMORES de guerra, concebidos a vista de armamentos consideraveis, se tem espalhado estes ultimos dias, e ganhado bastante consistencia para influir sobre o estado commercial do paiz, sem abalar sua coragem.

Os interesses materiaes das nações necessitão de socègo: porque si sua grandèza póde resultar da guerra, sua prosperidade depende unicamente da paz.

Nos sempre conservamos esperanças de mantèr essa precióza paz. Os gabinètes continúão a fazer-nos as mais pacificas promessas. Nossos laços de amizade se tem estreitado mais com um paiz, que nos precedeu na carreira da liberdade, que approvou nossos esfórços, partilhou a alegria da victoria, admirou nossa moderação, e está com nosco em sociedade de interesses, e civilização (viva, e profunda sensação.)

Não podiamos esperar por toda a parte uma tão grande simpatia, entretanto nossa realèza nacional foi reconhecida logo que foi estabelecida; o que nunca antes tinha accontecido. Até aqui a guerra tinha sido o unico meio de obtèr esses reconhecimentos, e todo o governo novo havia tido necessidade da gloria, dos campos de batalha, e das ratificações da victoria. O trono de Luiz Filippe elevado pela moderação poderoza da França foi logo saúdado pela moderação esclarecida da Europa, e está provado, que a experiencia dos ultimos tempos aproveitou aos principes, e aos povos.

Com tudo, Senhores, não nos deve surpreender o haver a commoção, que teve lugar entre nós, inspirado temòres, e feito tomar precauções. Os accontecimentos de um estado vizinho podérão fazer, que se apprehendesse uma crize geral, e essa apprehensãos vos explica porque se fazem armamentos com vistas de segurança, e não de ataque. Nós vos attestamos, Senhores, e seremos acreditados de vós, e da França, que, relativamente a esses armamentos, temos recebido as mais satisfatorias, e pozitivas explicações (movimento de satisfação.)

Essas explicações não nos impedirão de nos pórmos em guarda, e já tereis a prova; mas nos farão dirigir as nossas relações com a maior prudencia, e aconselhal-a a todos aquelles, que professarem os nossos principios. A guerra, Senhores, apprezenta um triste, e sinistro futúro. Não tememos os seus rezultados, e até nos parece a vista do ardòr, que anima os Francezes, que a cauza da liberdade lhes deveria ainda a sua Salvação. (á esquerda sim, sim.) Mas este modo de fazar triunfar a liberdade custaria thezouros, e rios de sangue: vale mais fazel-a triunfar pela paz.

A França não consentirá que o principio da não-intervenção seja violado. (grandes aplauzos na Camara, e nas tribunas. Um grande numero de membros da esquerda se levantão gritando: Bravo!)

Depois de uma longa interrupção M. Laffite retoma a palavra: A França não permitirá, que o principio da não intervenção seja violado; mas tambem se esforçará em impedir o rompimento de uma paz, que se poderia conservar; si a guerra se tornar inevitavel, é necessario provar a face do mundo, que nós a não quizemos, que só a fazemos por nos terem posto entre a guerra, e o abandòno de nossos principios. E seremos mais fortes, quando ao poder de nossas armas ajuntarmos a convicção de nosso direito.

Continuarèmos a negociar, e tudo nos faz esperar, que essas negociações serão felizes, mas, negociando, nos armaremos.

Em pouco tempo, Senhores, teremos além de nossas praças fortes fornecidas, e deffendidas, 500 mil homens bem armados, bem organizados, e bem commandados; serão appoiados por um milhão de guardas Nacionaes, e o Rei, si necessario fòsse, por-se-ia á testa da Nação (Nesta occazião um entuziasmo difficil de descrever se manifesta na Assembléa. Por toda a parte se fazem ouvir — bravos — gritos de viva o Rei, viva a França! Quando estes primeiros gritos se acalmarão um Deputado da esquerda gritou com uma voz forte: Viva a liberdade! O grito foi repetido por um grande numero de membros. A exaltação tocou o seu auge.) Marchariamos unidos fórtes em razão de nosso direito, e do podèr de nossos principios. Si as tempestades scintillassem a vista das trez còres, e se fizessem nossas auxiliares, tanto peior para os que as tivessem provocado, nós não seriamos responsaveis

ao universo (Bravó, bravó.)

Como Ministro da Fazenda, devo affirmar-vos, não nos faltão meios de pagar a guerra. O orsamento que vos preparàmos apprezentará redducções importantes na despeza ordinaria. Teremos para a despeza extraordinaria 80 milhões, de que foi aliviada a contribuição sobre as propriedades territoriaes, e vos sabeis, que uma renda de 80 milhões representa um capital de emprestimo de 1,400, a 1,500 milhões. Temos a vender mais de 3 milhões de milhões de losques, que em nossas mãos produzem pouco, e produzirião muito nas mãos dos particulares. Teriamos pois immensos recursos de dinheiro para sustentar os recursos de homeus, que nos offerece nossa heroica população. (Movimento de satisfação a esquerda.)

Mas eu repito cheio de convicção, a paz è infinitamente mais provavel que a guerra. Quando a França, e a Inglaterra a querem, quando as outras potencias a desejão, não sabemos como ella poderia ser perturbada. Nòs continuaremos pois a negociar, mas negociaremos appoiados por 500 mil soldados, e um milhão de guardas Nacionaes. (Longos aplauzos na salla, e nas tribunas.)

(Le National.)

LEILAO'.

NO armazem de Joze Luiz na rua da Conceição junto ao arco se ha de fazer leilão de uma porção de feijão branco, e mulatinho do Rio de Janeiro, segunda feira 31 do corrente pelas 10 horas da manhã.

AVIZOS DO CORREIO.

A Galera *S. João Baptista*, parte a 10 de Fevereiro proximo, e recebe as mallas ao meio dia.

NAVIOS A CARGA.

A Muita velleira Escuna *Amalia* acha-se prompta a seguir no dia 30 do corrente para a Bahia e so recebe passageiros: quem quizer tratar dos transportes dirija-se a loja de livros defronte de Palacio todos os dias de manhã.

VENDAS.

TREZ quartaos novos, com principios de carrego, e um burrinho carregador: na estrada dos Aflitos sitio de Joaquim de Oliveira.

— Um sobrado de 2 andares, chãos proprios, sito na rua do Livramento ao entrar para a rua Direita D. 20: anuncie-se por esta folha, ou na rua dos Quarteis sobrado D. 3, 2.° andar.

COMPRA.

DOus selins ja uzados: na rua do queimado D. 5, ou anuncie-se.

ALUGUEL.

ALuga-se um negro que seja bom padeiro, quem o tiver anuncie por este Diario ou dirija-se ao Caffe Francez na rua do Rozario D. 6.

AVIZOS PARTICULARES.

ANtonio Joze Gomes participa ao Publico, que recebe subscripções para o Campeão Brasileiro, Periodico mensal da Bahia, Constitucional e bem redigido, e tem em seu poder ate o n.° 4: tambem vende avulsos, e o preço da subscripção por trimestre é 1,,600 rs. As pessoas que quizerem comprar ou subscrever dirijão-se á rua da Aurora casa do anunciante, ou ao Correio.

— No 2.° andar do sobrado junto a Igreja da Conceição dos Militares ha uma ama com muito bom leite para alugar-se.

NOTICIAS MARITIMAS.

Navios Entrados no dia 27.

— *Acaracu*; 57 dias; S. *Bom Jesus dos Navegantes*, M. *João Baptista dos Santos*, equip. 14; carga sola: de *Jeronimo Luiz da Costa.*

Entrados no dia 28.

— *Londres*; 56 dias; B. Ing. *Shakespeare*, Cap. *John Goldei*, equip. 10; carga fazendas: á *Antonio da Silva e C.*

—*Rio de Janeiro*; 40 dias; B. Port. *Golfinho*, Cap. *Manoel Antonio dos Santos*, equip. 13; carga barricas vazias: á *Manoel Joaquim Ramos e Silva.*

PERNAMBUCO NA TYPOGRAFIA FIDEDIGNA. 1831.